

NOVOS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA

CHARLES MELMAN
EDITORA ARTES MÉDICAS SUL LTDA.
SÉRIE DISCURSO PSICANALÍTICO, 1985
TRADUÇÃO: DAVID LEVY
SUPERVISÃO DA TRADUÇÃO: ALDUÍSIO M. DE SOUZA

NOVOS ?

Paulo Roberto Medeiros

INTRODUÇÃO

O LUGAR DO OUTRO

O Outro é um lugar. É o sistema linguajeiro, considerando-se a descoberta freudiana como sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem.

Esse Outro tem um lugar privilegiado: o corpo, lugar privilegiado do sintoma. E é a histérica, esse corpo de mulher revoltada, que revela que alguma coisa não está boa nesse Outro. Que o digam as "possuídas" e as "feiticeiras", assim como disseram a Freud as histéricas.

Nesse sistema linguajeiro, o significante, atributo de uma organização

biológica desnaturada, desloca, transforma, fustiga ao grado de seu arbítrio a histérica, que tem sempre o que redizer por não poder dizer. Há na histérica uma recusa, recusa ao mundo de semblante, que se mantém na suposição de ser escutada, no Outro, por um Pai cúmplice. E uma das indagações do livro é saber se poderia ex-sistir um sujeito menos fascinado pelo pai, nesse livro que é a retomada de um Seminário dado em 1982-83 no hospital da Salpêtrière.

PRÓLOGO

A HISTERIA COMO MAL DA VIDA

Qual é o lugar próprio, específico, reservado ao sexo feminino? Se Aristóteles concebia a cada objeto um lugar naturalmente correspondente, a histérica é aquela que desordena a concepção de

um universo onde cada objeto encontraria o seu lugar.

Houve uma conduta científica de indicar um lugar para a histeria: um órgão feminino intra-abdominal simétrico de alguma maneira ao do homem, onde se

localizaria a tensão insatisfeita geradora de distúrbios. A ciência é relativa ao tempo de suas formulações, regidas pelo discurso de uma época. Freud ultrapassou-o ao atribuir ao recalque do desejo a causa dos sintomas histéricos. O recalque é então indicado como o mecanismo geral das neuroses, e sua contrapartida ética é o franco-falar.

O segundo elemento é uma topologia da relação psique-soma conforme descrita por Freud no Manuscrito G das cartas a Fliess. O terceiro elemento é o princípio de prazer, sendo o que define a economia do aparelho psíquico. Em 1920, com a segunda tópica, Freud esclareceu que a economia psíquica não buscaria repouso no mais baixo nível de tensão, mas, ao contrário, tenderia a reproduzi-lo através do automatismo de repetição, que buscaria o mesmo malogro de quando foi instaurado. Não foi só o que Freud alterou em suas formulações, mas também em relação ao recalque, não mais considerado um acidente, um mal querer ou pusilanimidade moral, mas é original, isto é, é o que o sujeito encontra quando vem ao mundo no banho de linguagem no qual é imerso. O recalque originário comanda todos os recalques e permitirá ao sujeito, sem escolha, compartilhar do mundo, do social. Não é nenhum acidente de percurso, mas constitutivo do psíquico, inerente à estrutura. É por isso que nosso sintoma, nós o amamos e procuramos conservá-lo, pois nos constitui no mais íntimo de nós mesmos.

É, então, possível ou não sair do sintoma, do **automatismo de repetição**? O corpo, nos diz a histérica, é o lugar natural do sintoma. Ali onde se pensa poder agarrar o objeto do desejo - o corpo da mulher -, há sintoma; seu corpo

seria insatisfatório para lograr aquilo que deveria ser da relação sexual. O ser falante não tem acesso à relação sexual, que lhe é barrada; constrói-se por aquilo que foi estabelecido por seu fantasma, suportado por uma imagem singular; estabeleceu-se na mais tenra idade. O que faz sintoma para o **fala-ser** é que não existe relação sexual e nossa vida sexual - psíquica - é organizada pela **repetição** deste impossível e atesta que existe, na estrutura, sintoma.

Esse sintoma histérico dirige-se a alguém. É uma mensagem, e com destinatário. Endereço transferencial a um pai. A transferência é inerente à própria constituição do sintoma histérico, cujo suporte é um **sujeito suposto ao saber**. Retornamos à questão do lugar: existe em algum lugar alguém que ignora aquilo que a histérica quer comunicar. Ao procriador, gerador, o pai, lhe falta trazer, ao ser invocado, a solução para o drama. Em Charcot encontramos o exemplo desse olhar observador do drama histérico. E qual foi a sua conclusão? "**Mais, dans des cas pareils, c'est toujours la chose génitale, toujours ... toujours ... toujours**", isto é: "Mas em todos esses casos semelhantes é sempre a coisa genital, sempre ... sempre ... sempre."

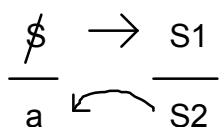
Contudo, não foi Charcot, mas Freud que concluiu ser o sintoma um fato de estrutura constituído em torno de um impossível: a relação sexual, sendo o movimento transferencial constitutivo da sintomatologia histérica, transferência do tipo paternal. À possibilidade ou não da cura há a resposta do discurso psicanalítico, que é uma resposta ao modo histérico de relação.

Notas para leitura

APRESENTAÇÃO DOGMÁTICA DOS CONCEITOS

Bobo e ruim, o significante revela sua dupla face: reduzido a um jogo formal sem significação; a significação obtida é a inscrita na prescrição de um jogo falho. É assim que $S1$ revela seu caráter mestre, axiomático.

O significante nunca alcança o objeto que deseja apreender, o que o difere do signo. O lugar ao qual se dirige lhe é sempre refratário, impossível, o Real. Desse Real o significante mestre, $S1$, só consegue apreender um outro significante, $S2$, aquele que se oferece ao gozo. Entre um e outro, entre $S1$ e $S2$, há a repetição de significantes, animada pelo objeto não alcançado, objeto a . Este jogo engendra o Sujeito, S , sustentado pelo corte, corte topológico, $/$, \mathcal{S} , S barrado, representado por um significante que se dirige a outro significante. Daí que um significante representa um sujeito para outro significante. Representa enquanto representante, não enquanto representação. Já o signo representa alguma coisa para alguém.



| 1 | O GENTLEMAN E O TRAUMATISMO

"Ladies first". Primeiro as damas, obedece o cavalheiro à convenção do social. Não na ordem do discurso, isto é, no fato de linguagem que impõe sua estrutura no comércio dos fala-seres. A dama, a mulher histérica no caso, vem em terceiro. Primeiro o magistral, o do Mestre; segundo o constituído, o da Universidade; o terceiro sim, é o da

Para denotar ainda mais a exclusão desse Sujeito, todo este processo ocorre à sua revelia; a bateria significante opera num lugar: o lugar do Outro.

Estes são os elementos que compõem a bateria mínima da álgebra lacaniana: $S1, S2, a, \mathcal{S}, A$: o significante mestre, o saber, o mais-do-gozar, o sujeito, o grande Outro. São os elementos que constituem o discurso, discurso enquanto estrutura. Os discursos, que são quatro (cinco, se considerarmos o discurso capitalista), são quatro formas que fazem laço social.

Nos nossos estudos sobre a histeria convém acentuar que é o desejo de saber que concebeu o discurso da histérica (Lacan, 26.11.69), cujo agente é o Sujeito, \mathcal{S} , cuja verdade é o mais-do-gozar, a , sendo o outro $S1$ e o lugar da produção do discurso, o saber, $S2$. Assim Lacan o esquematizou, com os elementos de sua álgebra:

Histérica. Isto porque este dirá sua verdade sobre os anteriores e exigirá o ato, o ato psicanalítico, quarto discurso.

Tudo isso se deve ao sintoma, que insiste em ser reconhecido, por indicar que o animal humano tem uma relação troncha com o sexo, o que não o deixa de fazer falar. Se, contudo, o sintoma histérico trouxe a ética analítica do fala-

ser, do franco-falar, funcionou um pouco à maneira dos anticoncepcionais, contribuindo para liberalizar, sem contudo abolir o mal-estar, o da civilização.

O extravasar pela palavra, *sich ausprechen* conduziu à revelação de que o inconsciente fala de sexo, verdade difícil de ser apreendida pelos discursos do Mestre e Universitário. Mais difícil ainda foi o próprio Freud constatar que o apaziguamento conseguido num primeiro momento pelo franco-falar era quebrado pelo incômodo retorno das tensões. Nenhuma *sich ausprechen* conseguia mais ab-reagir a repetição das tensões. Repetição. 1920, **Para além do princípio de prazer**. Reconhecer que o inconsciente fala de sexo não é coisa fácil; dificuldade maior tornou-se admitir que sua língua fundamental fosse a morte.

Se a questão: "**O que quer uma mulher?**" [Formulação feita por Lacan, retomando a que Freud teria feito: "O que quer a mulher?", ou "O que quer essa mulher?", "Was will das Weib?"]anima o

discurso analítico, será que poderíamos indagar ao discurso da histérica se o que o anima não é a indagação sobre o que quer um pai? O ato esquecido, imerso no inconsciente, e trazido à tona pela histérica é o de que repousa no seu desejo um pai violentador, abusador. O pai quer, no desejo da histérica, abusar da criança. **Trauma**. [Palavra grega que, literalmente, quer dizer "ferida".] Trauma que torna incontável toda a excitação que produz. **Fantasma** das origens. **Urphantasie**. O fantasma causa essa realidade psíquica que impõe que uma verdade subjetiva prevaleça a despeito do desmentido da realidade.

A histérica vive o exílio da descoberta de que lhe é reservado o destino de ser entregue a um comércio sexual para o qual se julga desprovida. E é o próprio pai que a entrega. Golpe traumático, mas que protege o pai com o fantasma da violação. Sendo violentador é potente, viril, erigido. Apelo à cumplicidade. O fantasma da violação, via sedução, é o fantasma que a histérica revela à psicanálise.

| 2 | A HISTÓRIA PARADA

Ao ano de 1900 d.C., marco psicanalítico, com **Traumdeutung**, a onirologia freudiana, **Uma investigação sobre o significado mais profundo dos sonhos**, ali onde se encontra a análise do sonho da injeção de Irma, façamos corresponder o ano 1900 a.C. Quase quarenta séculos, um bocado de tempo. Pois bem, a tal simetria cronológica corresponderia ao tempo de uma leitura da histeria. Pode ser até que venham a ser descobertos novos escritos a respeito, anteriores ao primeiro que, até o presente, serve de referência: o "**papiro Kahoun**". Kahoun é o nome da antiga cidade egípcia dentre cujas ruínas

foi encontrado o mais antigo escrito sobre o assunto. Trata-se de relato de casos clínicos, pelo menos quatro, e para ambos o diagnóstico: doença do útero. O prognóstico conduzia ao seguinte tratamento: eliminar a subalimentação do órgão, restituindo-lhe sua umidade e gravidade, recolocando-o em seu lugar, associando a inalação de substâncias fétidas repulsivas com fumigações originais perfumadas e atraentes. Àqueles que desconsideram tal tratamento poderiam se lembrar das gotas de valeriana, da farmacopéia contemporânea.

Quatrocentos anos após, em 1500 a.C., outro papiro descoberto retomou as mesmas indicações, acrescentando às cinzas de fumigações vaginais cheirosas um elemento bastante malcheiroso: excrementos masculinos ressecados.

Mil e cem anos depois, em 400 a.C., esse saber é retomado por Hipócrates e por Platão, em *Timeu* (Timaios), parágrafos 90-91. Entre os gregos há toda uma discussão filológica para uma melhor definição semiológica, mas o resultado não foi na verdade nada alentador, prevalecendo o termo de origem grega, ao qual podem ser atribuídas várias conotações que só fazem ressaltar um não-saber que perdurou por cerca de quatro mil anos baseado num voyeurismo que só veio a ser deslocado pela escuta de Freud, indicando o sintoma histérico requerendo ser decifrado: os hieróglifos inscritos no corpo, de cuja leitura os papiros são uma antiga transcrição.

E da leitura dos gregos, a que prevaleceu, o que nos diz sua transcrição?

Em grego *he hystera* significa matriz; *hysteros*, por sua vez, exprime a idéia de uma secundariedade de uma posterioridade e de uma inferioridade tanto topográfica quanto moral. *Ta hystera* designa o último trem; *hysteros* qualifica não somente o segundo mas também o que chega tarde demais. Mais que isto, *oi hysteroi* designaria um "temporão", aquele que vem muito depois. Em Platão *Soma hysteron psiques* (Leis, 896 C.) pode significar que o corpo é inferior à alma. O autor traduz assim: o corpo é histérico à alma. *Hystereima* qualifica penúria, falta. Agravante maior: *hystera* ouvido separadamente, *us teras*, pode equivocar-se com **rainha das porcas**, pois *us* é suíno, porca (Isto me fez associar a "eu venho do salsicheiro" [Lacan: Psicoses]), o que pode remontar às festas em honra de Vênus, nas quais sacrificavam-se porcos. *Ta hysteria*, as histerias, eram em Argos as festividades da deusa.

| 3 | O ENIGMA DO RECALQUE

Uma confusão se impôs a Freud: a da gênese da feminilidade com a da histeria. Poderiam ser separadas? São as questões mantidas em aberto ao final do capítulo. Foram trazidas perpassadas pelo conceito-chave da Psicanálise: o recalque, que, no dizer de Freud, "é a pedra angular sobre a qual repousa o edifício da Psicanálise" (Para a história do movimento psicanalítico, 1914). Contudo, permanece sendo um conceito enigmático. Das indagações sobre ele surgidas no ano seguinte (Introdução à psicanálise, 1915): "Quais são as tendências psíquicas que sofrem o recalque? Quais as tendências psíquicas que impõem o recalque? A que forças

obedece?" há uma primeira resposta naquele mesmo ano (O recalque, 1915): o representante da representação de uma pulsão é o que sofre o recalque, imposto pelo Eu. O motivo seria econômico: entre as exigências da sexualidade e as do Eu o importante é que a tensão psíquica seja mantida em seu nível mais baixo, sendo um mecanismo produzido pela separação entre as atividades psíquicas conscientes e inconscientes. O objetivo: manter o inconsciente à distância.

O inconsciente parece ser correlativo ao recalcado, e para que houvesse o recalcado tornou-se necessário haver um recalque originário que atraísse o que o

consciente rejeitasse. Este rejeita o representante da representação da pulsão, permanecendo ambos fixos em alguma parte. O afeto que lhe está ligado é abafado, ou desaparece, ou torna-se em um objeto qualquer, ou, ainda, transforma-se em angústia.

Na histeria o recalque é mal sucedido, por onde funciona o mecanismo de formações substitutivas. O afeto porém é liquidado, como observou Charcot: a "bela indiferença."

1920. A segunda tópica. Não mais ao Eu mas ao Sobre-Eu (*Über-Ich*) deve-se atribuir o recalque, assim como a angústia criada pelo recalque age como sinal de alarme de um perigo exterior. A descoberta da castração e as vias da feminilidade traduzem o percurso que vai até 1933.

A castração traduz-se pela renúncia às necessidades sexuais em função das necessidades da vida. Dilema imposto ao sujeito: o conflito entre a pulsão sexual, própria à conservação da espécie, e o Eu, próprio à conservação de si, passando pela aprovação/reprovação dos pais, o Sobre-Eu. Como resultante há o elemento recalcado, só reconhecido através de possíveis reconstruções a partir de formações substitutivas. O laço com a espécie e seu modo de defesa torna-se peculiar ao sujeito.

Haveria uma equivalência entre recalcado e inconsciente não houvesse o Isso, do qual o recalcado faz parte integrante com uma certa parte inata. E "Isso" fala, fala sexo devido ao recalque originário. No recalque originário há o significante que fornece a toda a cadeia a sua significância: o falo. Daí o inconsciente não referir-se às necessidades ou mesmo às ideologias, mas a desejos, desejos infantis conforme revelados a Freud nos sonhos, opostos e

proscritos pela moral social, e fantasmáticos pelo Édipo.

Quanto à feminilidade, sua instauração depende de um recalque não exagerado da atividade fálica. Freud teria entendido que o comando do destino feminino se daria pelo grau desse recalque: se completo, a neurose e a inibição sexual; se ausente, a homossexualidade e a virilidade; limitado, a aparência de normalidade. No entanto, como é que um recalque poderia ser parcial ou limitado, tratando-se de um representante da representação de uma pulsão?

O autor tenta responder a questão com a teoria do significante em Lacan: S_1 , o significante mestre, é eleito para sobre ele incidir o recalque, só advindo à cadeia significante pela "graça" do recalque originário; é o traço nesse Outro onde a castração está inscrita; pode ser recalcado no Real sem provocar maiores e aparentes perturbações. A questão (aliás, como todas as questões) se resolve no Outro. Nesse Outro, S_1 , o significante mestre, é um traço de indução ao gozo fálico, motivo de defesa e de recalque.

Há, porém, uma diferença entre os meios de defesa, ressaltada pelo autor. Enquanto que denegação, negação, deslocamento, etc. incidem sobre elementos do discurso articulados explicitamente pelo sujeito, quando emergem há uma recusa em assumi-los. O recalque, no entanto, recalca um elemento que poderia ser articulado no discurso, mas que só transparece por reconstrução.

A resposta de como a teoria do significante em Lacan poderia dar conta do recalque permanece em aberto, isto é: como é que diante de cada meio de defesa que é articulado a teoria do significante pode fornecer elementos para a escuta analítica?

| 4 | OS ESTUDOS SOBRE A HISTERIA

Não será pura e simplesmente por nomeação do fenômeno e pelo uso mágico de conceitos que haverá resolução para o de que se trata. Na verdade um nome, **recalque**, por exemplo, é introduzido muito mais devido ao impasse criado pela situação do que para resolvê-la. As questões suscitadas pela histeria são tão perenes quanto as demais até agora surgidas. A teoria do significante não é nominalista, tão somente sendo usada para isolar uma determinada estrutura. E só, não esgotando as possibilidades de análise do que lhe dá origem. A histeria continuará a reagir, resistindo, como sempre o fez, à própria nomenclatura que lhe dá seu valor.

Num determinado momento o autor recorre a um jogo de palavras pertinente à histeria: *mal-heurt*, mal-encontro, homofônico a *malheur*, infelicidade. Isso porque ressalta a dupla causa da histeria indicada por Freud em **Estudos sobre a histeria**. O **mal-encontro** seria equivalente a **incompatibilidade** (*Unverträglichkeit*) entre as **representações** (*Vorstellungen*) e o **Eu** (*das Ich*), primeira causa. A segunda causa, mas de algum modo contida na primeira, é o traumatismo que não foi ab-reagido, podendo estar na origem dessas representações insuportáveis. O Eu afasta estas representações ou sua carga afetiva através da **repressão** (*Unterdrückung*),

da **inibição** (*Hemmung*) ou do **recalque** (*Verdrängung*).

O recalque produz um grupo psíquico separado do Eu, no qual a lembrança incompatível é afastada da cadeia associativa, havendo **uma cisão de grupos de representação** (*eine Abspaltung von Vorstellungsgruppen*). Forma-se assim um **corpo estranho** (*Fremdkörper*) que estará na origem de uma segunda consciência que, por sua vez, estará na origem de fenômenos motores que permanecem parcialmente inexplicáveis.

O tratamento consiste em restituir estas cadeias separadas ao movimento geral da vida psíquica; trata-se de uma ab-reação graças ao trabalho de **associação de pensamentos** (*Associativedenkarbeit*). Isto porque o corpo estranho, infiltrado no Eu "normal", determina uma segunda consciência que pode fazer-se escutar e tomar a palavra. É possível o deciframento das seqüências que parecem hieroglíficas, as que foram organizadas sintomaticamente.

O grupo psíquico separado, privado de voz devido ao recalque de SI, comporta-se como falso real, servindo-se do corpo e de suas funções. A fala restitui o alcance e a riqueza metafórica de significantes que estavam afastados da cadeia associativa a que pertenciam. Disto Emmy von N., Lucy R., Katharina, Elizabeth, Dora, o fetiche do nariz brilhante dão testemunho.

| 5 | SOMA SEMA O corpo é um túmulo

A fala do sujeito contrapõe-se ao silêncio dos órgãos do corpo. Se não há

fala do sujeito poderá haver "barulho" dos órgãos. O silêncio dos órgãos

enquanto sinal de saúde no corpo; não um silêncio absoluto, sinal de morte. A vida compreendida como o conjunto de forças que resistem à morte envolve uma certa quebra de silêncio, nem que seja a fala proveniente do corpo, seus "barulhos". Esta fala, no entanto, é desprovida de qualquer dialética, restrita à repetição da montagem da pulsão ou ainda da seqüência recalçada, causa do sintoma histórico. Este, o mais próximo da expressão de uma pulsão que seria verdadeira, genital, articulada ao redor de um objeto, objeto chamado de parcial exatamente porque divide. A histérica vive seu corpo como desprovido de imago, desprovido de sustentação deste objeto, fálico.

O esquema fundador de Freud, o cruciforme, exposto no Manuscrito G, é a mensagem recebida por Freud do Outro constituído para ele pela cultura, e que lhe transmite uma divisão entre **psique** e **soma**. E, lembremo-nos, foi numa possível região fronteira, **entre**, que Freud procurou localizar a **pulsão**. Essa região fronteira entre o corpo e a alma por certo não adveio a Freud da cultura hebraica. A tradição hebraica não a postula, e sim a tradição grega, via Platão, incorporada ao cristianismo helenista: corpo e alma como duas partes do nosso ser (Platão: Tímaios). A saúde para Platão consistiria em cada uma das duas partes conduzir a outra em equilíbrio, e a mais grave doença seria a ignorância. A filosofia conduziria ao saber que poderia propiciar tal equilíbrio.

A metapsicologia freudiana é, sob vários aspectos, uma retomada da metafísica grega. O que lhe ultrapassa no pensamento freudiano é que Freud acresce à ignorância platônica, subver-

tendo-a, a ignorância ao saber sobre o desejo. Mesmo neste ponto contudo poderíamos pensar em textos de Platão, como "Banquete", por exemplo, no qual está colocada a questão do desejo na transferência. Freud retoma e reformula a questão: não se trata, na "doença", de um desequilíbrio entre o corpo e a alma devido ao não-saber filosófico, mas de um não saber sobre o desejo, efeito da divisão do sujeito frente ao recalque. Não sei se o autor concordaria com tais comparações entre Freud e Platão, mas como utiliza elementos gregos para análise da histeria, nos permite ampliá-la, o que poderia continuar a ser feito, mas exigiria um outro texto. Tentemos, pois, voltar ao texto do autor. Este nos traz um outro elemento da cultura grega, *me phynai*, que nos permite indagar-lhe sobre qual seria sua relação com a histeria. Os termos *me phynai* expressam a dor limite de existir, e poderíamos traduzi-los mais ou menos assim: "Antes não houvesse nascido!" Será que poderíamos considerar a dor de existir em seu nível existencial com uma dor histórica? Os termos gregos utilizados, creio eu, conduzem à ontologia de Parmênides, à sua dicotomia lógica, retomada por Shakespeare, por exemplo: ser ou não ser. No pensamento de Parmênides aquilo que é não pode não-ser. A existência do que existe é inescapável, é Real. Assim é que o corpo é este Real a que não se pode fugir e há um traço que lhe é marca: seu caráter fundamentalmente insatisfatório (Leia-se SOMA SEMA, isto é CORPO SINAL). O corpo é o que faz signo. O que chamamos corpo pode ser apreciado sob três registros: do Imaginário, do Simbólico e do Real.

| 6 | SERÁ DELES ESTE ENXAME?

O Imaginário ressalta os efeitos da maturação orgânica ao mesmo tempo da organização da percepção do mundo, ligadas à assunção de uma imago. Se a histórica se sente como desprovida de imago é por não reconhecer em sua interrogação inquieta frente ao espelho a **boa forma**.

No Simbólico o **corpo** evoca uma outra referência, o lugar do Outro. Organizado pelo fantasma ele toma a especificidade como lugar do saber, inconsciente, sobre o gozo.

No registro do Real inscreveremos o que dá ao corpo sua consistência, esta resistência organizada pelo seu gozo.

O significante fálico tem o papel de fechamento, do limite no Outro. O gozo é fora-corpo, fora-linguagem, se queremos considerar que o Outro fica aberto.

Que uma mulher não seja toda fálica e que tenha acesso ao gozo do Outro, eis o que pode explicar a freqüência do seu sentimento da precariedade de seus limites, do risco de um escoamento sem fim. É por essa falta que a psicanálise indica o Sujeito, não em sua existência contraposta à essência como quer a filosofia existencialista, mas em sua **ex-sistência**, promovida pelo corte.

Corte, termo topológico, "onde" o sujeito se sustenta. Relacionado ao que

corta, o **traço unário**, marca instaurada pelo significante mestre, S_1 . E **significante mestre**, termo lingüístico, interpela o real e encontra um outro significante, S_2 , e não um objeto. Esta falta do objeto, ali, onde em lugar algum ele está, denota o **corte**, isto é, o lugar da perda, e, por isso mesmo, da divisão do sujeito. Só Deus existe, o sujeito ex-siste. Deus seria o ser que poderia se realizar por um significante capaz de significar-se a si mesmo, daí haver dito a Moisés: "**EU SOU O QUE SOU**", ou "**EU SOU O QUE FUI E SEREI**" (Êxodo, 3:14a), isto é, seu próprio nome: "**JAVÉ**". Já o sujeito (subjectum) ... conduz alguma outra coisa, é nomeado, não se auto-nomeia; continua a existir fora, ex-sistere, não podendo afirmar o ignominioso tempo verbal auto-nomeativo "Eu sou fui sendo serei", mas somente "sou o que é", efeito de uma divisão sem reconhecer o que a causou.

É assim que a histórica mantém-se numa posição de exterioridade em relação ao mundo, denunciando que aí, nessa relação, algo não vai bem: S_1 , o significante mestre, é recalçado; S_2 , o significante do saber do lugar do objeto falho, não é reconhecido. Aí, nesse lugar, a histeria propõe-se a representar no real o objeto destinado ao gozo.

| 7 | O STATUS DO COMANDANTE

Nesse universo psíquico onde o objeto procurado pelo significante mestre, S_1 , não é encontrado, teria a mulher um lugar que lhe fosse natural, um domicílio próprio e designado?

"Nossos estudos sobre histeria serão novos" - e aqui o autor se coloca, como o próprio título de seu livro o indica, elaborando algo **além** de Freud, "novos"

(?!) - "se mostrarem como um tal sujeito só pode elaborar seu gozo na recorrência a um Mestre cujos golpes redobrados consumariam, ou, melhor ainda, concluiriam sua divisão, ou no abandono místico a este Outro suposto capaz de dirigir e acalantar sua vida."

O buraco que organiza o fantasma é o **Es** freudiano, o **Isso**, de onde o

sujeito é comandado e de onde o significante toma sua autoridade, tornando-se significante mestre.

A histérica, para proteger o Mestre atribui-se a falta, endossando-a, colocando-se como objeto para obter dele o reconhecimento. É a comédia do amor, isto é, a tentativa de se evitar o semblante da função malograda dos

significantes, de preencher o vazio que há entre $S1$, o significante chamado mestre porque a partir dele se produzirá um verdadeiro enxame de significantes, e $S2$, que indica - ou pelo menos deveria indicar - um saber impossível, um gozo interdito.

| 8 | UMA NOVA ORDEM MORAL

Santo Agostinho, em sua intimidade com Deus, perguntava a Ele onde estaria o que Dele excedesse ao céu e à terra por Ele preenchidos. Poderíamos colocar a questão de outro modo, reformulando a indagação de Agostinho de acordo com a ontologia grega: o que há onde não há o universo, ou será que o universo preenche tudo?

Questões da religião, da metafísica, da astrofísica dissimulam na obsessão o escancarado pela histeria. Mas dessas indagações haveria pertinência no nosso trabalho? Por exemplo: na psicose o "forcluído", "prescrito", do simbólico retorna no real, mas qual é o lugar de volta daquilo que está recalcado no simbólico?

O recalcado vai alojar-se no Real, mas diferentemente do forcluído, não aparece nele. Há o jogo da metáfora para ocultá-lo. O que do simbólico foi recalcado reaparece pois no simbólico, mas não sem modificar as percepções feitas do Real e do Imaginário. Lapso,

chiste, ato falho, sintoma, traem o desejo recalcado, traduzindo a ex-sistência, ali onde isso comanda, significantes recalcados irreduzíveis a qualquer dialética exposta à razão. Significantes recalcados são os que caem sob a barra. E caem sob a barra induzidos pelo Outro, lugar de ordenação do desejo.

A histérica propõe um outro mundo, uma outra ordem moral, animado por um fantasma próprio para comandar outros valores: o do Papai doente, ou impotente, ou mesmo morto, mas cujo luto não teria ainda sido satisfeito, mantendo a necessidade de prosseguir o trabalho, a devoção e o amor.

Essa nova ordem implica a renúncia ao significante mestre, introduzindo limite, fechamento num conjunto que era aberto, o do Outro. A insatisfação torna-se lei, e o amor oferece-se como remédio para todas as insatisfações, a demanda se substituindo ao desejo.

| 9 | PÁTERA

Ao Pai seja atribuído o fracasso de não fundar o "todos": suas criaturas nunca estão unidas em direção ao objeto causa do desejo. Há uma posição Outra em relação a ele, uma alteridade,

reivindicativa, mas onde o gozo não falta: fálico; do Outro; objetal. O gosto das mulheres pela maternidade valida um pacto como Pai simbólico, não resultando

necessariamente em reconhecimento via pai real.

Como avaliar as relações do significante com o organismo? O real do corpo, sua anatomia, se submete aos imperativos do imaginário e do simbólico. Que leitura pode ser feita do transexualismo, por exemplo? O encontro sexual só se promove a partir de um pacto mútuo onde é, com efeito, do lugar do Outro que o significante mestre toma sua autoridade, pois ele só se afirma com o consentimento que deste lugar o confirma. Toda uma parte da clínica da histérica parece se esclarecer com a inversão efetiva que se produz quando S_2 afirma-se com a dignidade de ter que, a partir daí, representar o sujeito. A heterotopia entre S_1 e S_2 pode ser compreendida como heterogeneidade, fratura entre dois mundos de pais diferentes, já que a recomendação do

segundo seria renunciar ao desejo em proveito do amor.

A histeria trabalha tanto para a glória do mestre como para reclamar a abolição dos seus privilégios, a partir de um dispositivo que interpreta a alteridade de S_2 com relação a S_1 como uma heterogeneidade que opera como se Real e Simbólico estivessem disjuntos. Assim o nó borromeano histórico tentaria enlaçar Real e Imaginário disjuntos do Simbólico. Mas o Simbólico é presentificado pelo sintoma que enlaça os três.

Se, no começo, as interpretações de Freud tiveram virtudes curativas talvez se devesse à restituição do valor de metáfora ao significante, reafirmando a potência paterna. Mas ... mas a paz foi breve; as interpretações, frente à transferência, não ofereceram resposta mais decisiva, tornando mais viva a decepção.

| 10 | CORPUS

Se **A mulher** existisse seria o objeto total, não parcial, como é da natureza do objeto ser. Seria um conjunto completo formado pela reunião, \wedge , conjunção de todas as partes. Se Ela existisse o significante mestre, S_1 , estaria diante do objeto que determina a sua busca, o **objeto a**. O **objeto a** é aquele referente à perda por **castração**, aquilo que cai entre o significante mestre, S_1 , e a cadeia de significantes, S_2 , decorrente da busca de S_1 . A **consistência** é o que organiza a série de significantes, marca-lhe o limite e abre espaço para o jogo de metáforas e metonímias. O resultado disso é o **estilo**, isto é, o modo de acesso do sujeito ao gozo. O **gozo** é a proposição que o corpo se faz a partir do Real. O corpo responde ao Real através do imperativo: "**goze!**", celebrando seu voto ao Pai. O que a

histérica atesta? Para este serviço, responde, nesse corpo algo não está bem, algo deixa de responder ao imperativo. E aí a corporeidade dá lugar ao incorpóreo, sob outra forma de gozo, etéreo, até mesmo sob o éter das toxicomanias, por exemplo. Há aí a possibilidade de indagarmos a Freud sobre qual poderia ter sido a função da cocaína num determinado período de suas pesquisas, bem como do lugar da farmacologia na medicina.

Há um **pneuma**, afirmava Anaxímenes, cerca de seis séculos antes desta era, **pneuma** ou **aer**, unificante do **cosmos** tanto quanto a nossa **psique** - também **aer** - unifica nosso corpo. Portanto a idéia de unidade do grupo conduz à sua disjunção, \vee , que por sua vez busca conjunção, \wedge . E o que encontra? S_2 , sua seqüência, a série de

significantes consistentes vetorizada pela castração. Essa concatenação assim conseguida dos $S2$ é solidária em sua relação com $S1$, ou melhor, forja-se com a graça daquilo que cai entre eles, e que, de agora em diante, os liga.

Se a economia do organismo é sobrecarregada por um excesso de gozo pode haver dificuldades em chegar à diminuição de tal excesso pelo prazer. Se resulta em dor, em sofrimento, o fato de não ser orgânica não impede que seja funcional. É quando então a verdade do desejo é proposta pelo inconsciente

como resultado da caída do objeto que o articula. Assim $S2$, a série de significantes vetorizada pelo objeto que cai, objeto a , a castração, falará pelo fala-ser, o sujeito a ela "assujeitado", retornando à busca originalmente articulada por $S1$, pelo significante mestre. Não é essa relação, $S1 \rightarrow S2$, a tratada pela análise, essa relação impossível mas sendo uma relação? Sua análise revelará a falta do objeto referente.

| 11 | INTERMÉDIO DE NATAL

Natal, época de presentes, bastante festejada sobretudo pelos comerciantes, intermediários da doação. O que se dá e a quem, o que se doa no que se dá ou o que se quer por recebido quando se presenteia são indagações subjacentes ao ato do presentear.

Politicamente, a prática das justiça distributivas é de uma enorme dificuldade, considerada a dimensão do desejo, não a das necessidades, naturalmente. Seria possível distribuir a cada um o que cada qual deseja? O desejo, sendo pervertido, perverso, per verso / versor / versus, **contém uma outra versão**, é às **avessas, trocado, virado**. O que cada um deseja é o que não quer, e o que cada um quer não é o que deseja. Aliás, pensar no Natal, festejado por boa parcela da humanidade remete-nos às reflexões daquele apóstolo que mediatizou a helenização do messianismo judaico e que, desconhecendo o inconsciente freudiano, nem por isso deixou de **versejar** sobre o assunto: "Porque nem mesmo compreendo o meu próprio agir, pois o que quero isso não faço, e, sim, o que detesto (...). Porque não faço o bem que

prefiro, mas o mal que não quero, esse faço." Portanto o desejo recebe seu tratamento por outras versões, **per verso**, sendo que nós estamos adotando uma versão pós-cartesiana ao darmos crédito à lacaniana.

Isto nos satisfaz? Retornemos à insatisfação, a que nos é própria, singular, originada pela divisão desse sujeito-falado, o fala-ser, separando demanda e desejo. Histericamente falando não há satisfação, pois no seu avesso, na insatisfação, há o gozo de si desde esse lugar Outro, que é também um lugar que articula uma versão Outra. Nessa outra versão há um buraco: o **objeto desejado** não está ali onde é procurado; $S1$, o significante mestre não o encontra. E, para aumentar a dimensão desse buraco, na teoria lacaniana do significante o objeto não pré-existe ao significante, sendo este que o constitui. Assim sendo é buraco porque o **simbólico** não captura o objeto e no entanto o dá como dom enquanto o **imaginário** o vela (O véu de Maya ou a barra da saia [v. Freud, Fetichismo]). A necessidade de se materializar esse objeto é de uma ordem tal que ele costuma ser

confundido com o que não é. Esta é, por exemplo, de modo mais claro, a insistência fetichista. Isto porque o sujeito-falado é comandado a partir de um lugar ocupado por um objeto real, o **objeto a** na teoria lacaniana do significante, **lugar a-topológico** na sua topologia lingüística. Em resumo: há um **lugar** não localizável, onde há o objeto, **objeto a**, não capturável pelo significante mestre, $S1$. Deste significante mestre, $S1$, desmontável até onde se possa verificá-lo em seus limites, o ponto máximo que pode ser atingido sendo um traço mínimo, um **traço unário**, que pode ser qualquer coisa, dependendo de cada sujeito. Desse traço $S1$ toma sua autoridade.

Regido por um princípio de contradição possível, ao contrário da consistência lógica que elimina a contradição ("Os contrários podem se representar uns aos outros no conteúdo do sonho e serem representados pelo mesmo elemento." Freud, S: E.S.B., XIII, 211), $S1$, o significante mestre deveria indicar a castração, isto é, promover uma renúncia ao objeto, inencontrável afinal de contas, resultando o não-encontro em sua articulação de busca perene pela cadeia de significantes, $S2$. Esta abstração teórica é tão somente o correlato do vivido. Por exemplo: o desejo de uma mãe é o de reintegrar o seu produto, o bebê; renunciar a tal desejo é o que se chama **amor**, por **amor** ela não devora, não realiza tal desejo, O bebê, este não escapa nem ao desejo nem ao seu avesso, o amor; entre a cruz e a espada, escapando de Herodes depara com Pilatos. Bem, o Natal traz associações desse tipo ... Aquele bebê mítico conseguir sobreviver ao seu nascimento - o Salvador se safou - mas termina pendurado, destino fálico.

A impotência de $S1$ para promover a renúncia, para operar a castração, advém de um imperativo segundo, aparentemente contraditório, em relação ao primeiro (primeiro e segundo não significam necessariamente termos sucessórios, podendo haver simultaneidade), o que comanda o gozar. E a oferta do gozo provém de $S2$, a cadeia de significantes. Assim, em lugar do Outro, com o qual $S1$ deveria firmar seu pacto, $S2$ promover-se-ia nesse lugar em oferenda. Gozo e castração em relação íntima, ligados pelo **Nome-do-Pai**. O Nome-do-Pai simbolizaria o pacto que deveria ser firmado com o Outro; não havendo tal pacto a castração torna-se insuficiente e o comando do Outro torna-se sem limite e sem satisfação. Gozar sem que haja gozo satisfatório, eis o imperativo (contraditório) imposto ao sujeito na encruzilhada da castração. Esse lugar do dilema, essa encruzilhada confere à mulher um poder terrível: o de oferecer-se como objeto de gozo e inscrever-se na lei paterna. Lugar de gozo e de castração, contradição máxima ao ocupar o lugar de representação de $S1$, de significante mestre. O voto da histérica é ter um mestre sobre o qual ela possa reinar, um tirano que lhe pareça bastante potente. Nas instituições psicanalíticas, itifálico, algum "mestre" sempre se oferece ao capricho das histéricas.

Há uma parte final no capítulo que aborda o tema do "laço social", dois termos atualmente em voga e que vêm ganhando certa expressão, mas que merecem cuidado pois pode se constituir ao seu redor uma certa sociologia travestida por plumagens políticas pouco psicanalíticas mas elaborada em nome da Psicanálise, do discurso analítico, comunicada jornalisticamente. Ali onde deveria estar a enquanto agente do discurso ana-

lítico começa a surgir uma "nova"
["Novos"?] doutrina social.
